

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

08 – Purificação – a Mentalidade Inferior - 09.05.21

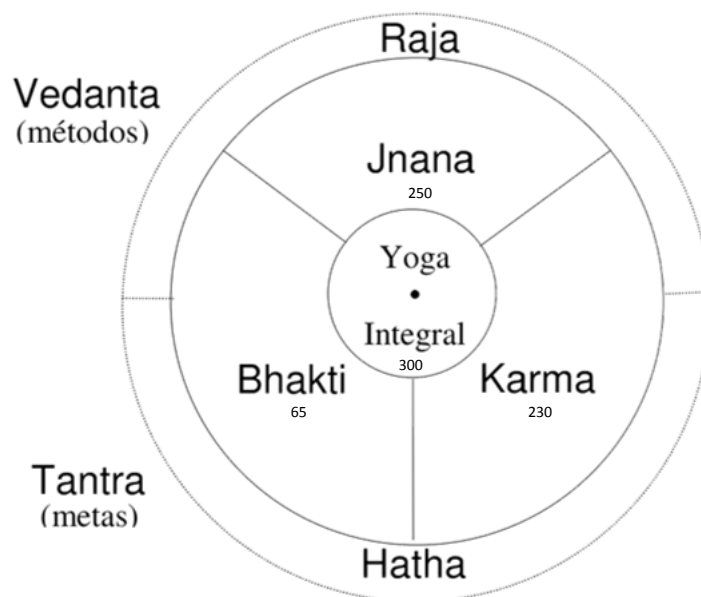
(Parte IV – Capítulo VI)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2022

1



PERFEIÇÃO DOS INSTRUMENTOS					
IGUALDADE		PLENOS PODERES			EVOLUÇÃO
Superioridade às reações da mente e vida - Unidade - Entrega - Desapego - Aceitação	ELEVAÇÃO DA NATUREZA - Inteligência - Coração - Mente - Vida - Corpo	FORÇA DE ALMA (Purusha) - Conhecer - Vigor - Mutualidade - Serviço	SHAKTI DIVINA Substituir energia e vontade pessoais pela ação da Shakti	SHRADHA Fé na presença e poder do Divino em nós e em suas efetações	Mente intuitiva M. Iluminada Sobrememente Supramente Ser Gnóstico

LIBERTAÇÃO DO ESPÍRITO		LIBERTAÇÃO DA NATUREZA	
DESEJO: (semente) - Passivo: imóvel, sem expectativa - Ativo: imóvel e impessoal na mente Suprema Vontade age através dos instrumentos purificados	EGO: (existência separativa) - Estabelecer-se na idéia de unidade com o Divino Transcendental e com o Ser Universal - Entrega - vontade sem desejo	DUALIDADES: belo / feio, sucesso / fracasso - Livrar-se do apego - Afastar-se das dualidades pelo retirar-se interior	3 GUNAS: superioridade - Tamas: quietude, calma divina - Rajas: vontade do espírito - Sattva: luz do Ser divino

PURIFICAÇÃO	
BUDDHI - INTELIGÊNCIA E VONTADE (inteligência discernidora e vontade iluminada)	MANAS - MENTALIDADE INFERIOR (mentalidade animal, física ou sensorial)
- Início da purificação: na Buddhi - Principal força para a efetação: a vontade inteligente - 1º passo: desembaraçar-se do prana de desejo, transformando o ser vital em um instrumento obediente de uma mente livre - Separar ação e pensamento da mentalidade sensorial (desligamento do controle das sugestões de nossa natureza inferior) - Discernir a preocupação com coisas da natureza daquilo que a faz submissa à mente sensorial	- Mente emocional: inclinação / aversão atração / repulsa - apego - Mente receptiva e emocional (base da afeição): inclinação / aversão emocionais - Mente ativa sensorial (mente de impulso dinâmico): canal de resposta emocional - Obstáculo: desejo -> distinguir entre vontade e desejo, entre o prana psíquico e o prana físico - Antes da purificação: dominar a intermitência e o clamor compêldor do prana psíquico, aquietá-lo e prepará-lo para a purificação

SAT - CHIT - ANANDA

SUPRAMENTE: Visão por identidade - sem divisão - conhecimento dos três tempos

SOBREMAMENTE: Unidade universal, sem ego - divisão entre conhecedor e conhecido

MENTE ILUMINADA: Experiência, pensamento, vontade, sentimento e sentidos intuitivos

MENTE INTUITIVA:

- 1- Silenciar a mente, intelecto, vontade mental e pessoal , mente de desejos, emoção e sensação
- 2- Esperar pelo impulso ou comando divino no coração
- 3- Receber tudo por uma espécie de descida de cima (lótus no topo da cabeça)
- 4- Elevar o intelecto até seus limites à coisa que o transcende

• Corpo Grosseiro		órgãos físicos e força nervosa de vida (prana físico)	
• Mentalidade Consciente (antahkarana)	citta	consciência mental básica	permeada pelo prana psíquico
	manas	mente sensorial	criando a alma-de-desejo sensorial
	buddhi	inteligência	potencializados
	ahankara	a ego-idéia	pela força-vida
• Supramente		meio apropriado e assento nativo da perfeição	

Devemos lidar com a ação complexa de todos esses instrumentos e purificá-los.

E o meio mais simples será
nos fixarmos nos dois tipos de defeitos radicais em cada um deles,
distinguir com clareza em que consistem e retificá-los.

Mas há também a pergunta: por onde começar?

Pois o emaranhado é grande,
a purificação completa de um instrumento
depende da purificação completa de todos os outros,
[...] quando pensamos ter purificado nossa inteligência
e percebemos que ela ainda está sujeita a ataques e à obscurecimento,

porque as emoções do coração, ou a vontade ou a mente sensorial
são ainda afetadas pelas numerosas impurezas da natureza inferior
e retornam na *buddhi* iluminada,
impedindo-a de refletir a verdade pura que buscamos.

Por outro lado, porém,
temos essa vantagem,
que se um só instrumento importante for purificado o suficiente
poderá ser usado como um meio para a purificação de outros;

um passo dado com firmeza
faz com que os seguintes sejam mais fáceis
e nos libera de um grande número de dificuldades.

Qual é, então, o instrumento que,
por sua purificação e perfeição trará,
do modo mais fácil e eficaz,
ou ajudará,
a perfeição do resto
com a rapidez mais poderosa?

7

Visto que somos um espírito envolto na mente,
uma alma que evoluiu aqui
como um ser mental em um corpo físico vivo,
é natural que seja na mente,
o *antahkarana*,
que devemos buscar esse desiderato (*aspiração*).

E, na mente, é evidente que é pela *buddhi*
– a inteligência e a vontade da inteligência –
que o ser humano é destinado a fazer todo o trabalho
que não é feito para ele pela natureza física e nervosa,
como ela o faz na planta e no animal.

À espera da evolução de um poder supramental superior,
a vontade inteligente deve ser nossa força de execução principal,
e purificá-la se torna uma necessidade absoluta, primordial.

8

Uma vez que nossa inteligência e nossa vontade
 estiverem bem purificadas de tudo que as limita
 e induz a uma ação errada
 ou as conduz a uma direção errada,
 elas poderão facilmente ser aperfeiçoadas,
 preparadas para responder às sugestões da Verdade,
 compreender a si mesmas e o resto do ser,
 ver com clareza e uma exatidão aguçada e escrupulosa o que fazem,
 e seguir o verdadeiro caminho
 sem nenhuma hesitação ou erros apressados,
 nem passos tropeçantes e desvios.

9

No final, elas poderão abrir-se e responder aos discernimentos perfeitos,
 às intuições, inspirações, revelações da supramente
 e proceder em uma ação cada vez mais luminosa e mesmo infalível.

Mas essa purificação não pode ser efetuada
 sem uma limpeza prévia de seus obstáculos naturais
 nas partes inferiores do *antahkarana*;

e o principal obstáculo natural que transita por toda a ação do *antahkarana*,
 pelos sentidos, pelas sensações mentais,
 pelas emoções, pelos impulsos dinâmicos,
 pela inteligência, pela vontade,
 é a intrusão do prana psíquico
 e de suas reivindicações imperiosas.

É disso então que devemos tratar;
 sua intrusão dominadora deve ser eliminada,
 suas reivindicações recusadas,
 e ele mesmo tranquilizado e preparado para a purificação.

10

Da mesma forma, a função apropriada da mente-pensamento
é observar, compreender, julgar pelo conhecimento
e abrir-se a mensagens e iluminações
atuando em tudo o que ela observa e em tudo o que ainda está oculto.

Mas isso não pode ser feito corretamente porque
essa mente-pensamento está presa às limitações da energia vital nos sentidos,
às discórdias de sensação e emoção,
e às suas próprias limitações de preferência intelectual,
inércia, esforço, vontade própria
que são a forma absorvida pela interferência dessa mente de desejo,
desse Prana psíquico.

Como é dito nos Upanishads,
toda a nossa consciência mental é atravessada pelos fios e correntes
deste Prana, esta energia vital
que se esforça e limita, agarra e falha, deseja e sofre,
e somente por sua purificação podemos saber e possuir nosso eu real e eterno.

The Syntesis of Yoga, pp. 351

11

Essa mentalidade está impregnada pela força de vida, que aqui se torna
um instrumento da consciência psíquica da vida e da ação psíquica na vida.

Cada fibra da mente sensorial e da consciência de base é atravessada pela ação
desse prana físico: é uma mentalidade nervosa ou vital e física.

Mesmo o *buddhi* e o ego são dominados pelo prana psíquico,
embora tenham a capacidade de elevar a mente
para além da sujeição a essa psicologia vital, nervosa e física.

Essa combinação cria em nós a alma de desejo sensorial,
que é o obstáculo principal para uma perfeição humana superior
assim como para uma perfeição divina ainda maior.

Por fim, acima de nossa mentalidade consciente atual,
encontra-se uma supramente secreta,
que é o meio verdadeiro para alcançar a perfeição divina
e sua sede natural.

The Syntesis of Yoga, pp. 647

12

E, no entanto, a verdadeira alma emotiva,
a verdadeira psique em nós,
não é uma alma de desejo,
mas uma alma de puro amor e deleite;

mas isso, como o restante do nosso verdadeiro ser,
só pode emergir
quando a deformação criada pela vida de desejo
é removida da superfície
e não é mais a ação característica do nosso ser.

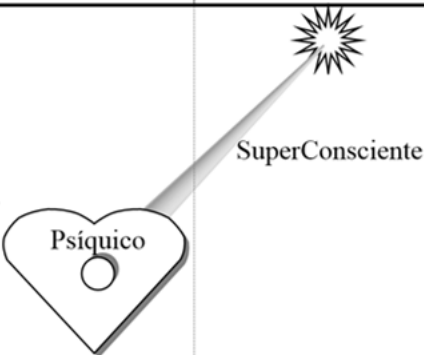
Cumprir isso é uma parte necessária
de nossa purificação, liberação, perfeição.

The Syntesis of Yoga, pp. 649

A ação apropriada do prana psíquico
é posse pura e fruição – Bhoga

The Syntesis of Yoga, pp. 655

13

SUPERFÍCIE		INTERIOR / SUBLIMINAL	SUBCONSCIENTE
MENTAL (Usual)	Mental Psíquico Mental Mental Mental Vital Mental Físico	Mental interior	
	Vital Psíquico Vital Mental Vital Emocional Vital Central Vital Inferior Vital Físico	Vital Interior	
	Físico Psíquico Físico Vital	Físico Interior	InConsciente 

Como foi dito, cada instrumento tem uma ação própria e legítima, e também uma deformação ou um princípio falso em sua própria ação.

A ação própria do prana psíquico é a posse e a fruição puras, *bhoga*.

Fruir do pensamento, da vontade, da ação, do impulso dinâmico, do resultado da ação, das emoções, dos sentimentos, das sensações, e fruir também, por meio deles, dos objetos, das pessoas, da vida e do mundo é a atividade à qual esse prana dá uma base psicofísica.

Uma fruição realmente perfeita da existência só poderá vir quando aquilo que fruímos não for o mundo em si ou por si mesmo, mas Deus no mundo, quando não forem as coisas em si mesmas, mas a Ananda do espírito nas coisas que constituirá o objeto verdadeiro, essencial, de nossa fruição, e quando as coisas forem apenas formas e símbolos do espírito, ondas do oceano de Ananda.

15

Mas essa Ananda só poderá manifestar-se verdadeiramente quando pudermos obter e refletir em nossos elementos o ser espiritual escondido, e sua plenitude só poderá ser obtida quando ascendermos às extensões supramentais.

Enquanto isso, há uma fruição humana das coisas, justa, permitida, completamente legítima, que é sobretudo sátvica em sua natureza, para empregar a linguagem da psicologia indiana.

Essa é uma fruição aclarada, sobretudo na mente perceptiva, estética e emotiva, e apenas de maneira secundária, no ser sensorial nervoso e no ser físico, mas todos sujeitos ao governo claro da buddhi, a uma razão e a uma vontade justas, uma justa assimilação dos impactos da vida, uma ordem justa, um sentimento justo da verdade, da lei, do sentido ideal e da beleza das coisas e de seu uso.

16

A mente prova o gosto puro da fruição disso,
rasa,
 e rejeita tudo o que é agitado, perturbado e distorcido.

A essa aceitação do *rasa* puro e límpido,
 o prana psíquico deve acrescentar o sentido completo da vida
 e uma fruição que ocupe todo o ser,
bhoga,
 sem a qual a aceitação e a posse pela mente,
rasa-grahana
 não seriam bastante concretas,
 seriam demasiado tênues
 para satisfazer completamente a alma encarnada.

Essa contribuição é sua função própria.

17

A deformação que se introduz na pureza e que a impede
 é uma forma de cobiça;
 a grande deformação que o prana psíquico produz em nosso ser
 é o desejo.

A raiz do desejo é a cobiça vital,
 que busca apoderar-se daquilo que acreditamos não possuir;
 é o instinto limitado da vida, que quer possuir e satisfazer-se.

Isso cria a sensação de falta – primeiro, a simples avidez vital:
 fome, sede, luxúria;
 depois, as fomes, as sedes, as luxúrias psíquicas da mente,
 que são uma aflição muito maior e se difundem em nosso ser

– a fome que é infinita, porque é a fome de um ser infinito,
 a sede, que se satisfaz apenas de maneira temporária,
 pois ela é, em sua natureza, insaciável.

18

O prana psíquico invade a mente-de-sensações
e introduz nela a sede inquieta de sensações,
invade a mente dinâmica com o desejo intenso de
controlar, possuir, dominar, ter sucesso, satisfazer todos os impulsos;

preenche a mente emocional
com o desejo de satisfazer as simpatias e as antipatias,
de saciar o amor e o ódio;
ele traz os recuos e os pânicos do medo
e as tensões e decepções da esperança;

impõe as torturas da aflição, as febres e a excitação das curtas alegrias;
ele faz da inteligência e da vontade inteligente os cúmplices de tudo isso
e faz deles instrumentos deformados e vacilantes em seu próprio domínio:

a vontade se torna uma vontade de desejo
e a inteligência uma perseguidora ávida, parcial e tateante,
das opiniões limitadas e impacientes e dos preconceitos fanáticos.

19

Desejo é a raiz de todos os infortúnios, decepções, aflições,
pois embora tenha a alegria febril da procura e da satisfação,
ainda assim, porque provoca sempre uma tensão no ser,
ele introduz em sua procura e em seu ganho uma labuta,
uma fome, um conflito, uma sujeição rápida à fadiga,
um sentimento de limitação, insatisfação,
uma decepção rápida com todas as suas aquisições,
uma estimulação mórbida e sem trégua,
a perturbação, a inquietude: *ashanti*.

Livrar-se do desejo
é a única, indispensável e firme purificação do prana psíquico
– pois assim poderemos substituir a alma de desejo
com sua interferência que se infiltra em todos os nossos instrumentos,
pela alma mental de calmo e límpido deleite,
que toma posse de nós mesmos, do mundo e da Natureza,
e é a base cristalina da vida mental e de sua perfeição.

20

O prana psíquico interfere em todas as operações superiores e as deforma,
mas seu defeito é ser ele mesmo invadido e deformado
pela natureza das operações físicas do corpo
que a Vida elaborou ao emergir da matéria.

Foi esse modo de funcionar que criou a separação
entre a vida individual no corpo e a vida do universo,
e marcou essa vida individual com o selo da carência,
da limitação, da fome, da sede,
da cobiça insaciável por aquilo que ela não tem,
e fez dela uma longa procura tateante da fruição
e uma necessidade de posse contrariada e frustrada.

Esse modo de funcionar é regulado e limitado com facilidade
na ordem puramente física das coisas,
mas se expande imensamente no prana psíquico e,
à medida que a mente cresce, torna-se cada vez mais difícil limitá-lo:
insaciável, inconstante,
ele é um criador atarefado de desordens e doenças.

21

Ademais, o prana psíquico apoia-se na vida física,
limita-se à força nervosa do ser físico e, desse modo,
limita as operações da mente
e se torna o elo de sua dependência do corpo
e sua sujeição à fadiga, incapacidade, doença,
desordem, insanidade, pequenez, precariedade
e mesmo à possível dissolução das operações da mentalidade física.

Nossa mente,
em lugar de ser uma coisa poderosa em sua força própria,
um instrumento claro do espírito consciente, livre,
capaz de governar, utilizar e aperfeiçoar a vida e o corpo,
revela-se de fato como uma construção misturada;
ela é, sobretudo, uma mentalidade física,
limitada por seus órgãos físicos
e sujeita às exigências e obstruções da vida no corpo.

22

Só é possível desfazer-se disso por uma espécie de
 operação psicológica prática de análise interior
 que nos faz perceber a mentalidade como um poder separado, isolado,
 para assegurar-lhe um modo de funcionar independente

e que nos faz também distinguir o prana psíquico do prana físico
 e fazer deles, não mais um elo de dependência,
 mas um canal de transmissão da Ideia e da Vontade da buddhi,
 obediente às suas sugestões e às suas ordens;

o prana torna-se, então,
 um meio passivo de execução
 do controle direto da mente sobre a vida física.

23

Esse controle,
 embora anormal para a posição habitual de nossa ação
 (em certa medida ele se manifesta nos fenômenos da hipnose
 – embora estes sejam anormais e malsãos,
 porque é uma vontade alheia que sugere e comanda),
 é não apenas possível,
 mas deve tornar-se o modo normal de funcionar,
 quando o Self superior dentro toma o comando direto de todo o ser.

Contudo,
 esse controle só poderá ser exercido com perfeição
 a partir do nível supramental,
 pois é lá que reside a Ideia e a Vontade realizadoras verdadeiras;

a mente pensante mental,
 mesmo espiritualizada,
 é apenas uma agente limitada,
 embora possa se tornar muito poderosa.

24

Pensa-se que o desejo seja a real força motriz da existência humana
e que rejeitá-lo seria parar as fontes da vida:

a satisfação do desejo seria a única fruição do ser humano
e eliminar isso seria extinguir o impulso da vida por um quietismo ascético.

Porém, a verdadeira força motriz da vida da alma é a Vontade;
desejo é apenas uma deformação da vontade
na vida corporal e na mente física, que são dominantes.

O que a alma busca ao voltar-se para o mundo para possuí-lo e fruir dele é,
em essência, uma vontade de deleite;

a fruição obtida pela satisfação do desejo
é apenas uma degradação vital e física da vontade de deleite.

É essencial que façamos a distinção entre a vontade pura e o desejo,
entre a vontade interior de experienciar o deleite
e a luxúria e a avidez superficiais da mente e do corpo.

25

Se formos incapazes de fazer essa distinção na experiência concreta de nosso ser,
teremos apenas que escolher entre
um ascetismo que mata a vida e uma vontade grosseira de viver,
ou então tentar um compromisso desajeitado, incerto e precário entre os dois.

Isso, de fato, é o que faz a maioria das pessoas;
uma pequena minoria esmaga os instintos da vida
e se esforça para alcançar uma perfeição ascética;

a maioria obedece à vontade grosseira de viver,
com todas as atenuações e restrições impostas pela sociedade
ou àquelas que o indivíduo social normal
aprendeu a impor à sua mente e às suas ações;

os demais estabelecem certo equilíbrio entre
a austeridade ética e a permissividade temperada
em relação aos desejos do self mental e vital,
e veem nesse equilíbrio a regra de ouro
de uma mente sã e de uma vida humana saudável.

26

Mas nenhum desses caminhos nos traz a perfeição que buscamos,
a governança divina da vontade na vida.

Esmagar por completo o prana, o ser vital,
é matar a força de vida
que deve servir de suporte
para uma ampla ação da alma encarnada no ser humano;

condescender com a vontade de viver grosseira
é contentar-se com a imperfeição;

fazer um compromisso entre os dois
é parar no meio do caminho
e não possuir nem a terra nem o céu.

27

Mas se pudermos chegar à vontade pura, não deformada pelo desejo –
que, descobriremos, é uma força muito mais livre,
muito mais tranquila, estável e efetiva
que a chama saltitante e enfumaçada do desejo,
que logo se cansa e se decepçiona –
e encontrar a calma vontade interior de deleite,
que não é afetada ou limitada pelo tormento da cobiça,
podemos então transformar o prana,
e de um tirano, um inimigo, um agressor da mente,
torná-lo um instrumento obediente.

Podemos também chamar desejo essas coisas maiores, se quisermos,
mas então deveremos supor que há um desejo divino diferente da avidez do vital
– um desejo de Deus, do qual esse fenômeno inferior
é a sombra obscura e no qual ele deve ser transfigurado.

É melhor empregar nomes diferentes
para coisas que são de todo diferentes
em seu caráter e em sua ação interior.

28

O primeiro passo para a purificação é, então,
 libertar-se do prana de desejo,
 reverter a posição normal de nossa natureza
 e fazer do ser vital e de seu poder dominador e perturbador
 o instrumento obediente de uma mente livre e desapegada.

À medida que a deformação do prana psíquico é corrigida,
 a purificação das outras partes intermediárias do *antahkarana* torna-se mais fácil,
 e quando essa correção é concluída,
 a purificação das outras partes pode mesmo tornar-se absoluta.

Essas partes intermediárias são a mente emocional,
 a mente sensorial receptora e a mente sensorial ativa
 ou mente de impulsos dinâmicos.

Elas estão ligadas em uma interação fortemente entrelaçada.

A deformação da mente emocional gravita em torno da dualidade
 simpatia-antipatia, *raga-dvesa*, atração e repulsão emocionais.

29

Toda a complexidade de nossas emoções
 e sua tirania em relação à alma
 vêm do hábito de responder a essas atrações e repulsões
 assim como o quer a alma de desejo nas emoções e nas sensações.

Amor e ódio, esperança e medo, pesar e alegria,
 todos têm sua origem nessa única fonte.

Nós gostamos, amamos, acolhemos, temos esperança, nos alegramos
 com tudo o que nossa natureza
 (primeiro hábito de nosso ser),
 ou com tudo que os hábitos adquiridos e muitas vezes distorcidos
 (segunda natureza de nosso ser),
 apresentam à mente como agradável, *priyam*;
 odiamos, antipatizamos, tememos, sentimos repulsa ou tristeza
 por tudo que se apresenta a nós como desagradável, *apriyam*.

30

Esse hábito da natureza emocional entrava a vontade inteligente
e muitas vezes faz dela a escrava impotente do ser emocional
ou, no mínimo,
a impede de exercer um julgamento livre e de governar a natureza.

Essa deformação deve ser corrigida.

Ao desfazer-se do desejo no prana psíquico
e de sua intrusão na mente emocional,
facilitamos a correção.

Pois então o apego, que é o entrave do coração,
se solta das cordas do coração;
o hábito involuntário de *raga-dvesa* permanece,
mas como não está mais reforçado com obstinação pelo apego,
ele pode ser gerido de maneira mais fácil pela vontade e pela inteligência.

O coração agitado pode ser conquistado
e libertado de suas atrações e repulsões habituais.

31

Mas se isso for feito,
poder-se-ia então pensar que seria a morte do ser emocional,
como é para o desejo.

E com certeza seria assim, se a deformação for eliminada
mas não substituída pelo modo de funcionar justo da mente emocional;

a mente entraria então em uma condição neutra de indiferença vazia
ou em um estado luminoso de imparcialidade sossegada,
sem movimento ou onda de emoção.

O primeiro estado não é desejável de nenhum modo;
o outro seria a perfeição de uma disciplina quietista;
mas na perfeição integral,
que não rejeita o amor nem foge dos movimentos variados de deleite,
isso não pode ser mais do que um estágio que deve ser ultrapassado,
uma passividade preliminar
que aceitamos como primeira base para uma atividade perfeita.

32

Atração e repulsão, simpatia e antipatia
são um mecanismo necessário para o ser humano comum,
elas formam um primeiro princípio de seleção instintiva e natural
em meio aos milhares de impactos lisonjeiros ou formidáveis,
úteis ou perigosos do mundo em torno dele.

A *buddhi* começa com esse material, os trabalha,
e tenta corrigir a seleção natural e instintiva
por meio de uma seleção racional mais sábia e deliberada;
pois é óbvio que a coisa agradável não é sempre a coisa justa
nem o objeto a preferir e a escolher,
e a coisa desagradável não é sempre a coisa errada,
o objeto a evitar e a rejeitar;
o agradável e o bom, *preyas* e *shreyas*, devem ser diferenciados,
e é a razão justa que deve escolher e não o capricho da emoção.

Mas isso a razão pode fazer muito melhor
quando a sugestão emocional se retira
e o coração repousa em uma passividade luminosa.

33

Então, a atividade justa do coração pode emergir à superfície,
e perceberemos que detrás dessa alma de desejo dominada pelas emoções,
esperava desde sempre uma alma de amor, alegria e deleite lúcidos,
uma psique pura que estava anuviada pela deformação
da cólera, do medo, do ódio, da repulsa
e não podia abraçar o mundo com um amor e alegria imparciais.

Mas o coração purificado
é livre de cólera, livre de medo, de ódio, de toda repugnância e de toda repulsa:
ele tem um amor universal,
pode receber com uma doçura e claridade imperturbadas
os deleites variados que Deus lhe oferece nesse mundo.

Contudo, ele não é o escravo indolente do amor e do deleite;
ele não deseja, não tenta impor-se como o mestre da ação.

O processo seletivo necessário para a ação é deixado sobretudo à *buddhi*
e, quando a *buddhi* foi ultrapassada,
ao espírito na vontade, no conhecimento e na Ananda supramentais.

34

A mente-das-sensações receptiva é a base mental-nervosa das afeições;
 ela recebe mentalmente os impactos das coisas
 e lhes dá respostas mentais de prazer e de dor,
 que são o ponto de partida da dualidade emocional simpatia-antipatia.

Todas as emoções do coração
 têm um acompanhamento mental-nervoso correspondente,
 e percebemos com frequência que
 mesmo quando o coração está liberado de toda vontade voltada às dualidades,
 uma raiz de perturbação sobrevive ainda enraizada na mente nervosa,
 ou uma lembrança na mente física,
 que se afasta cada vez mais até assumir um caráter inteiramente físico,
 à medida que é repelida pela vontade da *buddhi*.

Por fim, essa lembrança se torna uma mera sugestão de fora,
 a que as cordas nervosas da mente ainda respondem ocasionalmente,
 até que uma pureza completa as libere
 e que elas mergulhem no mesmo luminoso deleite universal
 que o coração puro já possui.

35

A mente ativa ou dinâmica de impulsos
 é o órgão ou o canal inferior da ação responsiva;
 ela é deformada,
 pois está submissa às sugestões da mentalidade não purificada
 das emoções e sensações e ao desejo do prana,
 aos impulsos ditados pela dor, pelo medo, ódio, desejo, luxúria, cobiça
 e por todo o resto dessa prole turbulenta.

Sua forma de ação justa é
 a força pura de energia dinâmica,
 de coragem, de potência de caráter,
 que não age para si mesmo
 ou em obediência aos elementos inferiores,
 mas como um canal imparcial
 para os ditames da inteligência
 e da vontade purificadas
 ou do Purusha supramental.

36

Quando nos livramos dessas deformações
e clareamos a mentalidade
para receber essas formas de ação mais verdadeiras,
a mentalidade inferior é purificada
e está pronta para a perfeição.

Mas essa perfeição
depende da posse de uma buddhi purificada e aclarada,
pois a buddhi é o poder principal do ser mental
e o principal instrumento mental do Purusha.

37

6- PURIFICAÇÃO - A MENTALIDADE INFERIOR

6.1- Limpeza Preliminar

Vontade Inteligente: Principal força para a efetuação

- Obstáculos naturais nas partes inferiores da mente:

Intermitência e clamor compelidor do prana psíquico:

- regular a intermitência dominadora
- negar o clamor
- aquietar o prana psíquico

sentidos
sensação mental
emoção
mente de impulso dinâmico
inteligência
vontade

6.2- Prana Psíquico

- Ação própria e legítima: Posse e Deleite puros - Bhoga.

- desfrutar perfeito, supramental:

- não o mundo em si, mas o Divino no mundo,
- não coisas, mas a Ananda do Espírito nas coisas,
- coisas apenas como formas e símbolos do Espírito.

- desfrutar humano legítimo - predominantemente sátvico, um iluminado desfrutar:

- principalmente pela mente perceptiva, estética e emotiva,
- secundariamente pelo ser sensorial nervoso e físico,
todo submisso ao claro governo da buddhi.

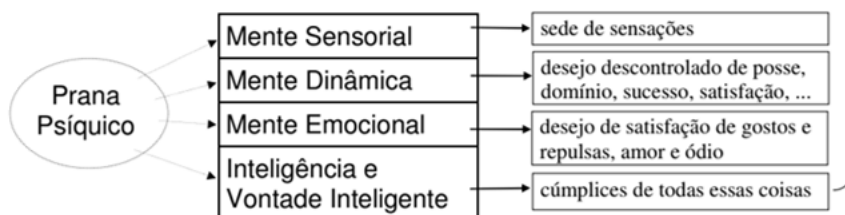
- a deformação que entra e impede a pureza é uma forma de ânsia vital: o desejo

38

6.3- O Desejo

A raiz do desejo é a ânsia vital para apoderar-se daquilo que nós sentimos que não temos - é o limitado instinto de vida para posse e satisfação.

- ânsia vital mais simples de fome, sede e luxúria,
- as psíquicas fomes e sedes e luxúrias da mente.

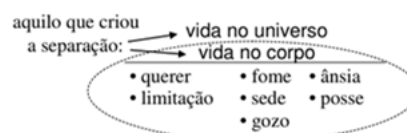


Livrar-se do desejo é uma firme e indispensável purificação do prana físico
- substituir a alma de desejo por uma alma mental de deleite calmo -

39

6.4- A Imperfeição do Prana Psíquico

- Sofre a interferência e é deformado pela natureza das operações físicas no corpo que a vida evoluiu em sua emergência da matéria.



- O prana psíquico apóia-se na vida física e limita a si próprio pela força nervosa do ser físico, limitando portanto as operações da mente.

fadiga
incapacidade
doença
desordem
precariedade

- A correção do prana psíquico:
 - tornar-se consciente da mentalidade como um poder separado;
 - distinguir o prana físico e o prana psíquico e torná-los um canal de transmissão para Idéia e Vontade na buddhi.

Vontade é o poder motivo real da vida da alma:
desejo é apenas uma deformação da vontade na vida corporal e mente física dominantes
- satisfação de ânsias: degradação física e vital da vontade de deleite -



40

- É essencial que distingamos entre:

vontade pura	e	desejo
vontade interior de deleite	e	exterior luxúria e ânsia da mente e corpo
- Se não formos capazes, temos que fazer a escolha entre um ascetismo anulador de vida e uma grosseira vontade de viver, ou efetuar um grosseiro compromisso entre eles:
 - desprezar inteiramente o prana, o ser vital, é matar a força da vida;
 - indulgir a vontade grosseira de viver é permanecer satisfeito com a imperfeição;
 - o comprometimento entre eles é parar no meio do caminho.
- A saída é chegar — à vontade pura não deformada por desejo, e à calma vontade interior de deleite

transformando o prana, de um tirano, inimigo, em um obediente instrumento

41

6.5- A Purificação

- O primeiro passo na purificação - Prana Físico:
 - desembaraçar-se do desejo e
 - transformar o ser vital em um instrumento obediente de uma mente livre e não apegada
 - Purificação das partes intermediárias:

- mente emocional - mente receptiva sensorial - mente ativa sensorial	interfere no livre julgamento da vontade inteligente e seu governo da natureza
---	--
 - Purificação pelo eliminar o desejo no prana psíquico e sua intermitência no ser emocional;

distinguir entre o agradável e o bom
- hábitos da natureza emocional:

inclinação	x	aversão
atração	x	repulsa
amor	x	ódio
esperança	x	medo
alegria	x	tristeza
agradável	x	desagradável
- Inicialmente uma passividade emocional, emergindo uma alma de amor e lúcida alegria e deleite, uma psique pura - um amor universal - que recebe com imperturbada doçura e clareza os vários deleites que o Divino dá a ela no mundo.
 - O seletivo processo necessário à ação é deixado à buddhi e posteriormente ao Espírito na vontade, conhecimento e ananda supramentais.

42

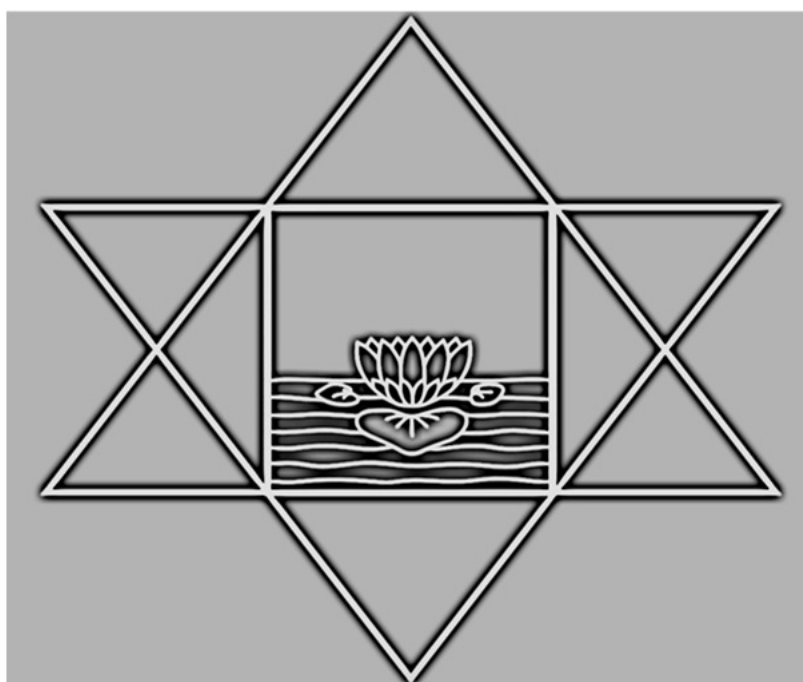


Muitas pessoas associam consciência com o cérebro ou a mente porque este é o centro para o pensamento intelectual e a visão mental, mas a consciência não está limitada a essa espécie de pensamento ou visão.

Ela está em todo lugar no sistema e há muitos centros dela, por exemplo, o centro para a concentração interior não está no cérebro mas no coração o centro que origina o desejo vital está ainda mais abaixo.

Os dois locais principais onde se pode centrar a consciência para o yoga são
o centro na cabeça e o centro no coração
– o centro mental e o centro da alma.

43



44